

## ***Podcasts anarquistas no Brasil: resistência em uma mídia livre e democrática***<sup>1</sup>

Lucas Guimarães Resende<sup>2</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, Minas Gerais

### **Resumo**

O *podcast* aparece nos dias atuais como uma potente interface da comunicação devido a sua liberdade e popularização. Grupos marginalizados vislumbram nesse novo canal uma possibilidade na produção de um conteúdo diferente do padrão presente na mídia tradicional. Nesse movimento orgânico de discursos contra hegemônicos, os anarquistas não ficam de fora, ocupando e resistindo também nas livres ondas sonoras digitais.

**Palavras-chave:** *Podcast*; anarquismo; mídia contra hegemônica; liberdade de expressão.

### **Introdução**

A comunicação em sua dualidade, das mídias hegemônicas e contra hegemônicas, nos termos gramscianos, passou, e ainda passa por uma imensurável transformação, com o crescimento da internet no século XXI. Esta mudança de paradigma acontece, pois, “o ecossistema virtual, descentralizado e interativo, torna possíveis práticas comunicacionais que questionam formas de dominação impostas pelas classes e instituições hegemônicas” (MORAES, 2013, s/p), como afirma Dênis de Moraes. Desse modo, a comunicação vive um tempo esperançoso, de oportunidades, produções e discursos, de vozes que são silenciadas historicamente, mas que no meio digital acharam uma possibilidade de se expressar.

A internet apresenta-se, então, como uma possibilidade de comunicação do marginalizado, do oprimido, do periférico. Tal sujeito, que não encontra espaço na mídia hegemônica, pode ser

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFSJ, e-mail:

[lcsguimares1@gmail.com](mailto:lcsguimares1@gmail.com)

---

articulado ao conceito formulado por Erving Goffman na década de 70 sobre os indivíduos e grupos estigmatizados, que sofriam preconceitos, seja por algum problema em sua aparência, seja por estarem excluídos do sistema. Tal sujeito esquecido pela mídia hegemônica conservadora e elitista consegue se comunicar, falar e ser ouvido, pois, como pontua Goffman, “há um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais” (1992, p. 27). Assim sendo, o sujeito que agora subverte a lógica estrutural da comunicação hegemônica usando o meio digital, pode atingir seus iguais, e construir um discurso importante sobre sua estigmatização. E no cenário comunicativo digital apareceu no horizonte uma possibilidade de produção dialógica, pessoal e em crescimento.

Mídia emergente na primeira década do século XXI, o *podcast* fortaleceu-se nos últimos anos no Brasil e no mundo. A difusão de arquivos sonoros pelo meio digital foi expandida com a popularização dos smartphones e, no contexto atual, os *podcasts* tornaram-se fonte de entretenimento e informação em meio a um cotidiano intenso. Nesta nova interface da comunicação, há uma liberdade de expressão fundamental, já que não existem padrões que delimitem o tema ou o tempo. Desse modo, vislumbra-se uma pluralidade de assuntos e uma diversidade de discursos que não são apresentados nos veículos midiáticos hegemônicos.

Assim sendo, nesse cenário alternativo e livre do *podcast*, há a presença dos grupos estigmatizados, marginalizados historicamente, que notam a mídia como uma possibilidade de se comunicar. Desse modo, a difusão de ideias contra hegemônicas por pessoas ou coletivos nos *podcasts* criam movimentos orgânicos, não orquestrados, mas que realizam um importante ato de fortalecer e debater visões, e ocupar espaços em uma mídia que se populariza. Neste contexto, podem ser citados os anarquistas, como um grupo, que historicamente procurou maneiras de espalhar ideias e agregar pessoas por meio da informação e educação, como nos jornais sindicais, rádios livres e fanzines, e que agora, não estão de fora das ondas sonoras dos *podcasts*. Assim, com um diálogo direto, agregador, e transformador, com uma potente veia de resistência, se notabilizam os *podcasts* anarquistas.

Neste artigo, primeiramente será apresentado o campo da comunicação trabalhado: o *podcast*. No próximo passo, acontecerá a tentativa de conceituar o anarquismo, estabelecendo uma ponte entre movimento anarquista, comunicação e resistência. Na sequência, será analisado o conteúdo de programas com visões anarquistas em formato de *podcast*. Serão três *podcasts*: Teologia de Boteco, Benzina, e o boletim Casa Virada. Além destes, serão consideradas também as contribuições do pesquisador e professor Acácio Augusto, que não tem um *podcast*, contudo, participa como convidado de diversos episódios de programas nesse formato.

---

É necessário enfatizar, de antemão, que a denominação das produções que serão trabalhadas como “*podcasts* anarquistas” é uma facilitação baseada em elementos comuns. Os *podcasts* são elaborados por sujeitos ou coletivos anarquistas, entretanto, não se limitam a falar apenas sobre anarquismo. Ainda assim, no desenvolvimento deste artigo, estes programas serão conceituados como produções anarquistas nos *podcasts*. Desse modo, o artigo procurará apresentar e analisar o que já está sendo feito nessa mídia contra hegemônica pelos anarquistas, produções únicas com caráter informativo, reflexivo e subversivo.

## **1. *Podcasts*: Conceito e a concepção de maior autonomia e liberdade**

Neste tópico, além de se discutir o conceito e surgimento dos *podcasts*, serão discutidos processos que podem ser intensificados com o uso desta nova ferramenta, como maior liberdade para o usuário e, portanto, ampliação da democracia, em que mais vozes podem se manifestar.

### **1.1 Conceito e surgimento**

O *podcast* é uma mídia relativamente nova, tem sua origem em 2004. Segundo o verbete de *podcasting* na Wikipédia, o termo nasce nesse artigo baseando-se no "pod", de "iPod", função da Apple de propagação de arquivos de áudio, que significa “*Personal On Demand*”, traduzido como “pessoal sob demanda”. E a parte do "cast" foi somada a partir de "*broadcasting*", palavra traduzida como radiodifusão<sup>3</sup>. Desse modo, é possível entender o *podcast* como um streaming de arquivos de áudio pré-gravados. Uma ponte que relaciona a radiodifusão do tradicional rádio, com o *streaming on demand* do YouTube, ou seja, o conteúdo que o consumidor tem opção de escolher onde, quando e como quer consumir.

Os *podcasts* são distribuídos em um feed RSS, sigla para *Really Simple Syndication*, que na prática consiste em uma programação que possibilita que os arquivos fiquem disponíveis automaticamente em diversas plataformas. Essa programação resulta em um vasto campo dos chamados agregadores de *podcasts*. Assim que o programa é postado pelo *podcaster* (produtor de programas em formato de *podcast*), o consumidor recebe a atualização no aplicativo que o mesmo utiliza para ouvir *podcasts*, de modo automático. Nestes agregadores de *podcast*, basta o ouvinte assinar gratuitamente indicando que deseja receber as atualizações do programa em questão, e há essa entrega de conteúdo ao consumidor de maneira rápida e prática.

---

<sup>3</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2XPdeDq>>. Acesso em 22 nov. 2019.

---

O *podcast* emergiu em um contexto tecnológico totalmente diferente do atual. Em 2004, a internet era algo complicado à maior parte da população, e para se escutar *podcasts*, além de o indivíduo necessitar de um computador, algo que ainda não era popularizado, o internauta precisava ter certa facilidade para baixar arquivos. Dessa maneira, a mídia passou por um período no qual o acesso aos programas era reduzido a um pequeno grupo que entendia mais de tecnologia. Contudo, com a popularização da internet, seguida do avanço tecnológico nos celulares, e o fortalecimento de plataformas de *streaming* de música, como o *Sportify* e *Deezer*, o *podcast* cresceu nos últimos 15 anos. Segundo pesquisa publicada pela plataforma *Deezer*, em outubro de 2019, o consumo de *podcasts* subiu 67% em relação ao mesmo período do ano passado<sup>4</sup>. Assim sendo, nota-se a consolidação do *podcast* como fonte de entretenimento e informação a uma parcela cada vez maior de pessoas.

## 1.2 Democrático e acessível

Em contraponto à dificuldade de acesso aos *podcasts* em tempos pré-históricos do computador, os dispositivos móveis possibilitaram que os *podcasts* sejam ouvidos em qualquer lugar, a apenas um clique de distância do consumidor, é esse avanço tecnológico teve, assim, influência no crescimento dessa mídia.

Além disso, a existência dos agregadores de *podcasts* no celular foi uma facilitação ao modo que reuniu os programas em um só aplicativo. Gratuitamente, o ouvinte assina os programas que o interessa, recebe-os de maneira atualizada, e ainda pode baixá-los para ouvir onde bem entender. O *podcast* é uma mídia livre e alternativa, tanto ao consumidor, quanto a quem produz. Os *smartphones* já alcançam um índice de uso de 77.1% dos brasileiros com mais de 10 anos, segundo pesquisa do IBGE de 2016<sup>5</sup>. Os celulares se popularizaram, e na internet, os usuários da rede se informam e se entretêm.

Os programas em formato de *podcast*, ainda, podem ser escutados em qualquer momento, com o ouvinte realizando trabalhos manuais ou mecanizados, como lavar louças, ou, até, nos longos deslocamentos diários de metrô ou ônibus. Assim, uma mídia com tamanha facilidade no acesso e consumo se revela com uma relevância comunicacional e transformadora, ainda mais quando se acrescenta a característica da liberdade de expressão.

---

<sup>4</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2OEPyGL>>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://bit.ly/35znqCF>>. Acesso em 22 nov. 2019.

---

### 1.3. Liberdade

Nos *podcasts*, não há um cerceamento de qualquer voz, ou sobre o quê ou quanto tempo essa voz falaria. A liberdade nessa mídia impulsiona diariamente uma pluralidade de formatos e temas. De maneira gratuita, qualquer pessoa pode começar seu *podcast* caminhando pelas possibilidades mais amplas. Na podosfera brasileira, termo usado popularmente para aferir o universo de *podcasts* existentes, são encontradas produções que transitam em diferentes formatos. O mais popular é o formato mesa redonda, que se inspira fortemente nos programas de debate e conversa das rádios. Contudo, há, ainda, áudio-documentários, áudio-dramas; noticiários, e, até, monólogos.

Essa liberdade é presente também nas pautas, pois há *podcasts* que abordam os mais variados temas, e que se caracterizam, também, por terem distintas finalidades, como os programas educativos, os humorísticos, os informativos, entre outros. Essa liberdade de se expressar nas produções desse formato acontece do modo que não há uma censura ou um filtro. Os *podcasts* vão ao ar por uma programação, o feed RSS, e esta aceita todo e qualquer arquivo sonoro. A descentralização nesse processo emissor-receptor diferencia o *podcast* do *YouTube*, por exemplo, pois os criadores de conteúdo no *YouTube*, mesmo tendo autonomia no seu trabalho, utilizam de uma grande empresa como plataforma, e precisam se sujeitar aos termos e normas desta. Desse modo, são perceptíveis inúmeras características que colocam o *podcast* como uma mídia contra hegemônica.

Não importa, diriam os publicitários, marqueteiros e senhores da mídia, a verdade contida na fala histórica de um grupo social subalterno, mas quem tem o “monopólio da fala” ou, em termos gramscianos, quem dispõe dos aparelhos de hegemonia. E estes, não por acaso, são controlados pela mesma classe que dispõe dos meios de repressão. Em última instância, é pela coerção – a mesma que garante as relações de propriedade e produção - que os grupos dominantes detêm os meios e o poder de convencer e obter o consenso ativo do dominado. (COUTINHO, 2008, p.1)

Eduardo Coutinho sintetiza a distinção da mídia hegemônica e da contra hegemônica. E nessa relação, diferente do monopólio de fala da mídia hegemônica, o *podcast* possibilita que as vozes oprimidas sejam escutadas. Estes, esquecidos e silenciados historicamente, podem não só falar, mas falar sobre o que quiserem com o potencial de o seu discurso chegar a qualquer pessoa. Algo não imaginado na mídia hegemônica, na qual o poder do capital e da política, da classe dominante, cala vozes.

A influência do dinheiro na comunicação mostra-se um desafio na produção do comunicador. Este tem suas contas ao final do mês, e não é justo trabalhar sem receber. Nessa questão crucial à comunicação independente, os programas de *podcast* caminham para uma saída de apoio coletivo. O fato de os ouvintes poderem contribuir financeiramente de maneira direta ao programa revela-se como

uma forma benéfica, na medida que o conteúdo do programa não precisa mudar para se adequar ao capital. Esse modo de apoio é costumeiramente visto no mundo dos *podcasts* e se mostra um importante fator nessa liberdade de conteúdo existente na podosfera, já que o criador não precisa abdicar da renda em prol da autonomia de falar sobre o que quiser, ou “se vender”.

Desse modo, diante dessas características que evidenciam o *podcast* como uma mídia livre, há produções que fogem do padrão da mídia hegemônica nos mais diversos pontos. Qualquer pessoa com um celular pode consumir esse conteúdo, encaixando-o como quiser na sua rotina, e qualquer pessoa pode também produzir um discurso, falar e ser ouvido. Nesse contexto, na podosfera brasileira, além de programas jornalísticos, de humor, ou de entretenimento, existem também conteúdos de grupos marginalizados. O movimento dos oprimidos criando canais de comunicação que impactem seus iguais, e também a quem interesse, se revela uma potencialidade dessa mídia democrática. *Podcasts* como o Lado Black, feito por jovens negros, o Revolushow, por comunistas, o Lado B do Rio, por jovens do subúrbio do Rio de Janeiro, o Baião de Dois, por nordestinos sobre futebol e cultura nordestina, entre outros. E, nessa podosfera há, também, a trincheira dos anarquistas.

## 2. Anarquismo: Conceitos e histórico

O anarquismo é um conceito construído desde o século XIX e, por uma descentralização teórica aliada a uma raiz que se funda em práticas, a tarefa de conceitua-lo é árdua. Não existe uma teoria anarquista; a liberdade é a base do pensamento, e as ideias libertárias se espalham nas atuações de coletivos e associações que se baseiam na horizontalidade. Um dos primeiros e mais atuantes anarquistas da história foi o revolucionário russo Mikhail Bakunin (1814-1876), que se caracterizou por um anarquismo coletivista, ou um anarco-coletivismo, ou ainda, um socialismo libertário<sup>6</sup>.

Numa palavra, rejeitamos toda legislação, toda autoridade e toda influência privilegiada, titulada, oficial e legal, mesmo emanada do sufrágio universal, convencido de que ela só poderia existir em proveito de uma minoria dominante e exploradora, contra os interesses da imensa maioria subjugada. Eis o sentido no qual somos realmente anarquistas.” (BAKUNIN, 1871, p. 17)

Bakunin discorre com uma visão crítica à sociedade capitalista, as instituições e o Estado. O russo perpassa a questão da luta de classe, criticando, também, de modo contundente, as ideias socialistas de Marx, e aponta para uma libertação do povo pelo povo. Bakunin colocava em prova toda forma de autoridade, seja institucionalizada como o poder estatal, ou tradicional como a igreja.

<sup>6</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2XFncNZ>>. Acesso em 22 nov. 2019.

Desse modo, a construção das leis, para Bakunin, faziam parte de uma estrutura que tinha como objeto dominar o povo. O Estado, desse modo, existiria para a manutenção desta estrutura, preservação dele próprio, e a proteção da propriedade privada, que se relaciona desde o princípio com a formação dos Estados nacionais.

Contudo, Bakunin não viveu para produzir teorias acerca do mundo. O russo dedicou sua vida à libertação anti-imperialista na Europa. Foi uma figura importante na luta pan-eslavista, e participou, também, na Primavera dos Povos e na Insurreição de Praga. A atuação libertária de Bakunin pela Europa resultou na sua prisão por 12 anos, até sua fuga em 1861. As práticas anarquistas passam, muitas vezes, por uma desobediência civil, e os indivíduos são criminalizados aos olhos do Estado, instituição que é, justamente, o centro da luta anarquista. Essa perseguição autoritária se faz presente desde os primeiros anarquistas, como Bakunin, até a contemporaneidade<sup>7</sup>.

Arnaldo Godoy (2018) relembra a trajetória do operário italiano Ernesto Gattai. O anarquista foi perseguido no Brasil na ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, pela “prática de atividades subversivas, era tido como anarquista, perigoso à segurança pública” (GODOY, 2018, s/p). Gattai era um imigrante presente nas lutas sindicais dos anarquistas de São Paulo. Ernesto Gattai teve seu Habeas Corpus aceito pelo Supremo Tribunal do judiciário brasileiro, e não foi preso ou expulso do país como era a vontade de Vargas. Gattai é um exemplo da luta ao longo dos últimos 150 anos, nas quais os anarquistas resistiram a perseguições legais ou não, pelo seu modo de pensar e agir.

A comunicação anarquista como forma de propagar, militar e agregar pessoas foi se encaixando a cada contexto. No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, o anarquismo crescia na massa operária por meio das associações sindicais. A luta dos trabalhadores se pautava nas melhorias das condições de trabalho e vida, é esse período ficou conhecido como o ápice do anarcossindicalismo brasileiro. A comunicação, por meio dos jornais operários foi fundamental no crescimento das ideias libertárias.

No âmbito brasileiro, a imprensa proletária ocupou um papel de destaque no movimento operário, muitas vezes mais atuante que o próprio sindicato, pois desempenhava a função de organizar os trabalhadores e conscientizá-los para o que seria sua libertação. Além de fornecer elementos para a educação dos operários, pois os anarquistas acreditavam que somente com a educação seria possível atingir a revolução social. (MARQUES, 2012, p. 8)

Os três princípios na luta dos sindicalistas eram propaganda, educação e rebelião, como pontua o pesquisador Carlos Marques (2018, p. 4). Pensava-se na força libertária que a comunicação e a informação levavam aos trabalhadores engajando-os. Por razões financeiras e na mudança dos hábitos

---

<sup>7</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2pQHIs6>>. Acesso em 22 nov. 2019.

de consumo de informação, os jornais e panfletos deixaram de ser opções viáveis de propaganda. Contudo, as novas tecnologias trouxeram variadas possibilidades na comunicação, e ainda ‘existem espaços a serem ocupados’<sup>8</sup>, como cita a jornalista e anarquista Yoh Landa (2019).

Nessa conjuntura, o livre, democrático e crescente *podcast* aparece como uma mídia alternativa, que carrega um potencial na construção e difusão de novos discursos, uma possibilidade na comunicação do sujeito é ideal silenciado. Na podosfera atual percebe-se a presença dos anarquistas produzindo, levantando, e ampliando debates e diálogos. Um movimento importante de resistência.

### 3. *Podcasts* Anarquistas no Brasil

Nesta seção, serão analisados três *podcasts* anarquistas brasileiros: Teologia de Boteco, Benzina, é o Casa Virada, um programa produzido pelo *podcast* Desobediência Sonora, e, também, as contribuições do pesquisador Acácio Augusto nos *podcasts*.

#### 3.1 Teologia de Boteco

No cenário de *podcasts* brasileiros, um programa relativamente antigo, que vem sendo importante na difusão de ideias e debates, é o Teologia de Boteco. Cristiano Machado, mais conhecido na podosfera por Cristiano Barba, é formado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e criador do Teologia de Boteco. O *podcast* começou em março de 2015 e é autointitulado, na descrição de seu site, como um programa com uma visão revolucionária.

Devido ao fato de o âncora do *podcast* ser anarquista, o anarquismo aparece bastante como pauta dos programas, como: o episódio sobre anarquia, em outubro de 2018; anarco cristianismo, em dezembro de 2018; anarquia e feminismo, em março de 2019; anarcoqueer, em março de 2019; a filósofa e militante anarquista Emma Goldman, em junho de 2019; e os anarquistas na revolução russa, em outubro de 2019. Todavia, o *podcast* não se limita a abordar só anarquismo, e as pautas giram dos debates contemporâneos, aos assuntos que o âncora acha pertinentes e, desse modo, leva ao programa.

Há uma dificuldade de se contabilizar os dados de acesso de um *podcast*, já que não existe uma barra de visualizações como no *YouTube*, ou um número de seguidores como no *Twitter* ou *Facebook*. Porém, é possível criar uma ideia da relevância do *podcast* percebendo seus números em

---

<sup>8</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2KQW5nk>>. Acesso em 22 nov. 2019.

redes sociais. O *Twitter* consiste na rede onde o Teologia de Boteco é mais ativo, nela, em números de 22 de novembro de 2019, o perfil oficial do Teologia de Boteco<sup>9</sup> tem 6526 seguidores, e o perfil de Cristiano Machado<sup>10</sup> 18144. Considerando o anarquismo como um nicho minoritário, o Teologia de Boteco aparece como um grande expoente nos *podcasts*.

O Teologia de Boteco apresenta a visão de mundo de Cristiano Machado a partir dos temas que o interessa. Assim, pode-se dizer que o *podcast* percebe as coisas sob um olhar anarquista, revolucionário e antiautoritário. O antifascismo aparece nos programas com uma ênfase ao período histórico atual e, em 2019, o âncora começou a promover *podcasts* que têm compromisso de combater discursos de ódio, usando a “#PodosferaAntifascista”. Assim, no início dos episódios do Teologia de Boteco, um criador ou criadora tem a oportunidade de falar rapidamente sobre seu *podcast*.

Os programas do Teologia de Boteco caracterizam-se, quase sempre, por serem uma conversa entre o âncora, Cristiano Machado, e um convidado. Nessa conversa, o criador do *podcast* procura entender melhor o tema pré-estabelecido a partir de perguntas ao convidado. Entretanto, dentro do Teologia de Boteco, há programas em outros formatos, como o Gole, no qual o âncora traz reflexões mais curtas acerca de algo cotidiano, e o Pausa, no qual são lidos trechos curtos de obras literárias ou filosóficas.

O Teologia de Boteco caminha como um *podcast* importante na difusão de ideias anarquistas na podosfera brasileira. O programa exerce um papel de espaço de discussão e construção de debate desde sua criação e se consolidou como um canal de comunicação amplo. Além de ser um expoente de pautas relevantes com uma visão anarquista. Cristiano Machado levanta questões importantes com a participação de convidados, seja na segurança pública, anarquismo, conflitos globais ou políticas sociais. Desse modo, o Teologia de Boteco aparece como um espaço de diálogo e difusão de ideias de não presentes na mídia hegemônica, no qual os silenciados são ouvidos, e o autoritarismo estatal é amplamente combatido.

### 3.2 Benzina

Em um outro programa que era publicado dentro do Teologia de Boteco, o Benzina no Meio, Cristiano Machado e Orlando Calheiros, pesquisador e doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conversavam em um formato que consistia na leitura de notícias e os comentários sobre as mesmas. Em junho de 2019, o Benzina no Meio virou apenas

<sup>9</sup> Disponível em <<https://bit.ly/37vpNrQ>>. Acesso em 22 nov. 2019.

<sup>10</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2roVrXC>>. Acesso em 22 nov. 2019.

---

Benzina e se transformou em um programa separado do Teologia de Boteco. E Cristiano Machado desligou-se do programa por falta de tempo, e este, agora como um *podcast* novo, passou a ser feito por Orlando Calheiros e a poeta e jornalista Stephanie Borges.

Entretanto, o Benzina não realiza apenas o formato tradicional de comentários a partir da leitura de notícias. Além deste, há também um revezamento mediante aos assuntos que os participantes queiram tratar. Já houve entrevistas, como a com o historiador Luiz Antônio Simas; e especiais acerca de temas pré-estabelecidos, como funk, samba, apropriação cultural, David Bowie, aquecimento global e Governo Bolsonaro. É difícil mensurar o número de acessos do Benzina, contudo, seu Twitter<sup>11</sup> conta com 9002 seguidores em 18 de dezembro de 2019, e em seu financiamento coletivo realizado na plataforma do Padrim<sup>12</sup>, há 317 ouvintes que contribuem ao *podcast*, com um montante de R\$ 2.372,41 mensais, em números também de 18 de dezembro de 2019.

“O funk é a vida vista pelo outro lado, e a vida vista pelo outro lado incomoda, incomoda porque há, ali, potências. Potências que o Estado tenta historicamente apagar, seja por meio do genocídio direto, seja por meio do etnocídio, seja por meio do epistemicídio.” (CALHEIROS, 2019, 03:16:44)

A citação do programa “#020 | Benzina no Batidão | O funk não é modismo, é uma necessidade” evidencia a principal questão que o *podcast* trabalha, a cultura como forma de resistência do oprimido. O Benzina é. um *podcast* anarquista, mas, sobretudo, anticolonial. Desse modo, a pauta, costumeiramente, acaba por transitar nas culturas marginalizadas, nas subjetividades, nas expressões artísticas, e na maneira como houve, e ainda há, o silenciamento do sujeito periférico por uma estrutura de dominação.

Calheiros pontua nesse programa sobre o funk como não é preciso citar o filósofo alemão Karl Marx para resistir ou ser revolucionário. Dessa maneira, o Benzina promove um discurso transgressor, transformador, coletivista e de resistência, sem citar Mikhail Bakunin ou o anarquismo. E, nessa ótica, ao falar da música, das festas e das religiões marginalizadas, o Benzina constrói um diálogo importante sobre identidade, opressão e resistência.

Ainda no programa sobre o funk, a criminalização deste estilo musical foi amplamente debatida. E nessa relação que o Benzina trabalha, é construída uma questão chave, em que o simples ato de viver constitui em um mecanismo de resistência do oprimido. A existência plena do povo com todas suas subjetividades, com a liberdade para sorrir, cantar e gozar, dialoga com a resistência do

---

<sup>11</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2MbKQqa>>. Acesso em 18 dez. 2019.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://bit.ly/38RRfRb>>. Acesso em 18 dez. 2019

---

mesmo, na medida que o olhar colonial escravagista ainda o trata como um corpo feito para lhe servir, ou, ao trazer ares novos a um termo antigo, para trabalhar.

Desse modo, o Benzina expressa tudo “daquilo que se perde quando cometemos um ato epistemicida, quando ignoramos a potência de mundo, a matéria de real que o outro traz consigo, quando ignoramos existências que se diferem da nossa, como por exemplo das populações indígenas” (CALHEIROS, 2019, 10:03), como é dito no episódio “#20 | Conexão Benzina| O cancelamento da tortura, o veganismo liberal e o racismo, e as almas do mar”, de 31 de outubro de 2019.

Orlando Calheiros e Stephanie Borges são anarquistas, mas o Benzina não necessariamente se dedica a um objetivo de falar sobre anarquismo. Contudo, um trabalho que se funda nas práticas que dizem respeito à vida do oprimido é realizado, e esse entendimento resulta na construção de sujeitos críticos e com potencialidades de transformação. O Benzina aparece, então, como notório expoente na resistência anarquista nos *podcasts*, na medida que se dedica a evidenciar, e, desse modo, na troca de experiências e visões, quebrar com a lógica estrutural de opressão ao povo pelo Estado.

### 3.3 Boletim Casa Virada, Desobediência Sonora

“Informativo semanal sobre medidas socioeducativas a partir de um olhar anarquista e abolicionista penal”: assim se descreve o Boletim Casa Virada, um programa do coletivo paulista Desobediência Sonora. O curto programa, costumeiramente entre cinco e 15 minutos, nasceu na primeira semana de 2019, e traz consigo notícias acerca do encarceramento de jovens no Brasil e no restante da América Latina. Isso não somente informando, mas também levantando reflexões sobre o assunto. Como no programa de número 37, de 22 de setembro de 2019, no qual o *podcast* notícia sobre a situação dos adolescentes que sofrem privação de liberdade no Paraguai.

Ou seja, o que o Estado paraguaio escolhe fazer, como vários de seus vizinhos latino-americanos, é sustentar um modelo que eles chamam de democracia, mas que depende estruturalmente de políticas repressivas sobre as populações mais marginalizadas, na maioria indígenas, negras e periféricas. Por isso que não acreditamos nos pedidos de humanização do cárcere, porque não dá para humanizar um sistema que tem na sua essência o genocídio, a exploração e a manutenção de abismos sociais. (COLETIVO DESOBEDIÊNCIA SONORA, 2019, 05:05)

O abolicionismo penal, que o *podcast* Desobediência Sonora ajuda a difundir em trechos como este, consiste em uma ideia de extinção do sistema prisional, devido à percepção dos problemas do cárcere como algo inerente ao mesmo. E esse entendimento da prisão como uma instituição não-natural, que não apresenta benefícios para a sociedade, e que se retroalimenta destruindo vidas de

---

uma classe alvo oprimida historicamente, faz com que a reflexão sobre as prisões ganhe força na contemporaneidade. O abolicionismo penal, assim, defende o fim do sistema carcerário, e aponta para possibilidades não-punitivistas na solução de problemas do convívio social.

O boletim Casa Virada é uma produção do Desobediência Sonora. Este é um coletivo de São Paulo-SP, que promove eventos de música independente, e movimentações políticas e sociais, sobretudo de caráter anticapitalista. O Desobediência Sonora atua desde 2016 na difusão de ideias por meio de oficinas, *podcasts*, programas de rádio e debates<sup>13</sup>. O boletim informativo é feito de modo anti-personalista, ou seja, não são veiculados os nomes dos participantes no noticiário, e ainda há uma ocultação em suas vozes, a partir de efeitos de edição. O Casa Virada é publicado juntamente com outros dois programas no feed do Desobediência Sonora.

O Casa Virada revela-se um projeto diferente na produção de conteúdo anarquista em formato de *podcast* no Brasil, pois, o boletim informativo é similar a um jornal, levantando notícias de uma pauta focalizada, e com um objetivo reflexivo. Desse modo, as prisões, símbolos maiores de repressão e arbitrariedade estatal, São colocadas à prova por meio de informação, que evidencia seus problemas estruturais e práticos. Estes problemas diários do sistema de encarceramento, abordados a partir das medidas de privação de liberdade dos jovens na América do Sul condensados em um boletim curto, atuam de uma maneira interessante na estratégia de propaganda e educação.

### 3.4 Acácio Augusto

Uma outra voz que ecoa nos *podcasts* brasileiros é a do professor e pesquisador paulista Acácio Augusto, que aparece como um nome importante na luta abolicionista penal no Brasil. Augusto, diferente dos outros anarquistas citados, não produz um *podcast*, mas sim acumula participações em programas como convidado para falar de segurança pública e o sistema carcerário, que transitam nos temas de pesquisa do professor desde 2003.

Por sua vez, os anarquistas são, no mesmo período, uma resistência radical a essas novas tecnologias de poder. Descrentes da ação estatal e atentos ao esquadramento do indivíduo decorrentes das técnicas disciplinares, colocam-se como inimigos públicos do Estado, combatem a prisão como um problema político e buscam apartar o problema da delinquência do campo da legalidade e ilegalidade burguesa. (AUGUSTO, 2006, p. 2)

---

<sup>13</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2KPNEsJ>>. Acesso em 22 nov. 2019.

---

Nesse artigo, Augusto pontua sobre a Cruz Negra Anarquista (CNA), movimento internacional de associações autônomas, como sendo “composta por pessoas que fazem das suas vidas um tormento para o sistema penal e usam o espaço virtual da Internet para livrar corpos e mentes do encarceramento” (2006, p. 2). E, quando se analisa a atuação do próprio Augusto na internet, e principalmente nos *podcasts*, é percebido que o pesquisador dedicou, e dedica, esforços para a difusão de ideias libertárias e igualitárias a um maior número de pessoas. De maneira diferente de seus artigos e produções academicistas, mas, com potencialidades de um conteúdo prático, popular e urgente, o discurso do professor nos *podcasts* em que é convidado se constitui de uma linguagem direta, de fácil entendimento e com uma força notória de transformação.

Como maior bandeira da produção intelectual e prática do pesquisador, a luta abolicionista penal que Acácio Augusto estuda e difunde aparece como pauta de longas conversas que o professor participa em diferentes *podcasts*. Como em fevereiro de 2018 no *podcast* Viracasacas, onde Augusto foi o convidado em um programa de mais de duas horas. O Viracasacas é um *podcast* que se define à esquerda do campo político-ideológico, mas não-anarquista; os principais temas dos seus episódios são direito e política. Além deste, Acácio Augusto falou sobre o abolicionismo penal em agosto de 2018, no *podcast* A Fita; no programa de 118 minutos, o pesquisador pôde apresentar e debater a extinção do sistema carcerário.

Para além das prisões, o pesquisador e professor participa, também, de *podcasts* para abordar o anarquismo de maneira mais ampla. Em maio de 2018, Augusto foi o convidado do Teologia de Boteco em um programa sobre anarquismo e eleições. Em outubro de 2018, voltou ao programa para conversar mais acerca do anarquismo. E em maio de 2019, o professor foi ao *podcast* O Quadro Negro conversar sobre uma pauta anarquista relacionada à escola, que são as práticas libertárias na educação.

Acácio Augusto realiza um trabalho importante de difusão de ideias acerca dos problemas da prisão, que nas palavras do pesquisador, “é uma máquina de triturar corpos e subjetividades” (AUGUSTO, 2017, s/p). Contudo, além de circular sua produção no meio acadêmico, o mesmo utiliza, também, as redes sociais, como o Twitter<sup>14</sup>, na qual sua conta tem 9831 seguidores (em 22 de novembro de 2019), e os meios de comunicação livres, como os *podcasts*, para divulgar suas concepções, espalhar o debate, e agregar pessoas à luta abolicionista penal. Essa atuação do pesquisador na divulgação não só para o meio acadêmico de suas concepções se revela de suma relevância para a causa. Esses discursos informais, diretos, e agregadores, que são as conversas que

---

<sup>14</sup> Disponível em <<https://bit.ly/35wIGsF>>. Acesso em 22 nov. 2019.

---

o professor participa como convidado em *podcasts*, ultrapassam as barreiras da academia, democratizam o diálogo, e ampliam o debate.

#### 4. Considerações Finais

As potencialidades do *podcast* de se expressar e alcançar, praticamente, qualquer pessoa, bastando apenas a conexão à internet, dão força a um campo comunicacional alternativo, periférico, horizontal e marginalizado. Os anarquistas, que nunca tiveram vozes ecoantes nas mídias tradicionais, agora, continuando a gozarem de suas liberdades, se comunicam pelas ondas sonoras do *podcast*, sem barreiras geográficas.

Os *podcasts* anarquistas analisados diferem-se, como já dito, nos seus objetivos. O Teologia de Boteco aparece como um interessante local onde questões são levantadas, isto é, Cristiano Machado utiliza seu canal de comunicação como um espaço para participações de convidados, onde se agrega conhecimento e experiências, e debate às variadas pautas que o âncora acha pertinentes, construindo seu canal coletivamente. Já o Benzina se revela um *podcast* identitário, onde Orlanda Calheiros e Stephannie Borges refletem sobre as relações na sociedade, caminhando, por muitas vezes, pelas subjetividades do sujeito, cultura, e o contraponto do sistema capitalista de produção, com uma forte influência da produção dos filósofos franceses Félix Guattari (1930-1992) e Gilles Deleuze (1925-1995).

O boletim Casa Virada e as contribuições de Acácio Augusto em *podcast* compartilham do mesmo tema, o abolicionismo penal. Contudo, apesar da difusão do debate acerca da questão ser o objetivo de ambas produções, há uma diferenciação da forma como acontece; o boletim Casa Virada procura informar da situação existente do cárcere de jovens na América Latina, e por meio disso, levantar reflexões. Enquanto Augusto, em suas participações, procura apresentar e conversar acerca deste tema. Todavia, os dois casos compartilham de uma força subversiva de mudança, de escancarar e colocar a prova um problema social que não é debatido na mídia hegemônica, ajudando assim, a quebrar a ideia do senso comum da prisão como algo natural, estimulado pelo punitivismo. Assim sendo, os conteúdos abordados apresentam um diálogo direto, uma conversa instigadora, e que nunca aconteceria na mídia hegemônica. Com objetivos, formatos e emissores distintos, os *podcasts* anarquistas aparecem como uma produção importante, agregadora e transgressora na pódosfera brasileira. Nestes consiste em o retrato de uma mídia livre e democrática. O *podcast* assim, aos anarquistas, se revela um meio comunicacional potente na informação e reflexão, vislumbrando, assim, transformações práticas.

## Referências bibliográficas

AUGUSTO, A. Abolição penal. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 11, página 64 - 73, 2017. Disponível em <<https://t.co/thB02xhtAz>>. Acesso em 23 nov. 2019.

AUGUSTO, A. **A luta dos anarquistas contra o sistema penal e a emergência da ação global de associações que compõem a Cruz Negra Anarquista (CNA)**. Revista Urutáagua: revista acadêmica multidisciplinar (CESIN-MT/DCS-UEM), n. 6. Maringá, p. 1-6. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQ4nfe>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

BAKUNIN, M. A. **Deus e o Estado**. Ed. Imaginário: São Paulo, 2000. Disponível em <<https://bit.ly/2DfVAPq>>. Acesso em 23 nov. 2019.

BORGES, S.; CALHEIROS, O. #20 | **Conexão Benzina** | O cancelamento da tortura, o veganismo liberal e o racismo, as almas e o mar. Benzina, 31 out 2019. (92 min.), Podcast, son. Disponível em: <<https://bit.ly/37xYGwm>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CALHEIROS, O.; MACHADO, C. #020 | **Benzina no Batidão** | O funk não é modismo, é uma necessidade. Teologia de Boteco. 05 abr. 2019. (226 min.), Podcast, sou. Disponível em: <<https://bit.ly/33jOV1f>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

CASA Virada #37 - 22.09.19. **Desobediência Sonora**, 22 set. 2019. (8 min.), Podcast, son. Disponível em: <<https://bit.ly/2KNb4yU>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

COUTINHO, E.G. **A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra hegemonia**. In: Comunidade e contra hegemonia: rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 61-74. Disponível em <<https://bit.ly/34eFhyk>>. Acesso em 23 nov. 2019.

GODOY, A. S. M. **O caso de Ernesto Gattai e a perseguição histórica aos anarquistas**. 17 jun. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/2KNb4yU>>. Acesso em 23 nov. 2019.

GOFFMAN, E. Estigma - **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

LEAL, C. F. B.. Pensiero e Dynamite: **Anarquismo e Repressão em São Paulo nos anos 1890**. Campinas, SP: Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp, 2006. Disponível em <<https://bit.ly/2L4D55d>>. Acesso em 23 nov. 2019.

MARQUES, C. **A Imprensa Libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do Século XX**. Antíteses, v. 5, n. 10, p. 855-864, jul. /dez. 2012. Disponível em <<https://bit.ly/33iOX9M>>. Acesso em 23 nov. 2019.

MORAES, D. **O papel e os desafios da comunicação contra hegemônica em rede**. Blog da Boitempo. 2013. Disponível em <<https://bit.ly/37xENFF>>. Acesso em 23 nov. 2019.